

CREMATÓRIO DO PORTO



Há anos, no início da remodelação dos cemitérios municipais, ainda o Plano Director de Auzelle consagrava como necessária a criação de mais dois grandes cemitérios na cidade, um em Campanhã e outro em Aldoar. Entretanto, os existentes, onde de facto já quase não havia espaço para inumações, tinham em ruínas os edifícios administrativos, as capelas, os jazigos municipais, e mais de duas centenas de jazigos-capela abandonados.

As redes de distribuição de água e electricidade já só parcialmente funcionavam, as árvores rareavam e as ruas interiores, sem qualquer pavimentação, ora estavam num lameiro, ora se tornavam caminhos poeirentos, cheios de sulcos.

Mais grave ainda, já se tinham perdido algumas obras de arte, sob o camartelo da ignorância e do desmazelo.

Quem somasse as verbas investidas pela Câmara Municipal do Porto, nestes últimos quatorze anos, no Prado do Repouso e em Agramonte, sem ter bem ideia do que se fez, podia até imaginar que a despesa tinha sido excessiva, face às carências e prioridades da cidade.

Considero que cuidar dignamente dos mortos revela o carácter dos vivos e o povo do Porto, apesar da vertiginosa mudança de costumes que a humanidade atravessa, continua a encontrar tempo para dedicar à memória dos entes queridos que já deixaram a vida.

O Crematório do Porto faz parte do plano de renovação dos cemitérios e surge quando efectivamente se tornou sensível a opinião de munícipes que o consideram necessário.

É mais um marco na actividade municipal, mas não é o fim do trabalho previsto.

O Plano de Actividades da Câmara estabelece a instalação de câmaras frigoríficas para cadáveres, o projecto da primeira construção para inumação aeróbia e a recuperação dos frescos interiores das Capelas Municipais.

Para concluir, sublinho que num roteiro cultural do Porto, onde se assinalem os escassos exemplos de moderna escultura ao ar livre, terá de constar o Cemitério do Prado do Repouso. O espaço sagrado onde repousam as cinzas dos nossos mortos, deve merecer a melhor atenção dos vivos.

Luiz Oliveira Dias

Vereador

O CEMITÉRIO DO PRADO DO REPOUSO

O Cemitério do Prado do Repouso, inaugurado no ano de 1839, é o cemitério municipal mais antigo do Porto e situa-se na zona oriental da cidade.

Até essa época, os enterramentos em Portugal faziam-se, desde há séculos, junto às igrejas ou até no seu interior.

O primeiro funeral para o Prado do Repouso foi de Francisco de Almada Mendonça, homem notável do Porto, o que muito contribuiu para que a população aceitasse a nova prática cemiterial.

Hoje, o Cemitério do Prado do Repouso, com cerca de 12 750 sepulturas (das quais 4 300 disponíveis) e cerca de 8 050 ossários, dispõe, após a recuperação recentemente efectuada, de serviços e equipamentos modelares.

É um lugar de culto à memória de entes queridos, mas é também um espaço de cultura, que proporciona um ambiente tranquilo e aprazível de se visitar.

Na entrada sul, junto ao Edifício Administrativo e à Capela encontra-se uma belíssima escultura moderna, comemorativa dos 150 anos do cemitério, concebida pelo Escultor Zulmiro de Carvalho, à memória de todos os portuenses, ilustres e humildes aí inumados.

A PRÁTICA DA CREMAÇÃO

A prática da cremação tem história muito antiga na humanidade, mas, até este século, não era habitual na Europa.

Hoje, pratica-se em todos os países europeus e nalguns, especialmente os do Norte, a cremação já é adoptada para cerca de 70% dos cidadãos falecidos.

Em Portugal só existia ainda um crematório, no Cemitério do Alto de S. João, em Lisboa. Em 1995 a média de cremações foi de 3 a 4 por dia.

A religião católica não tem qualquer oposição à prática da cremação, cabendo a cada pessoa, ou à sua família, decidir sobre essa opção. Outros cultos, tais como o hindu, consideram que deve ser sempre adoptada a cremação.

Não há qualquer recomendação municipal de opção pela cremação. A iniciativa da Câmara, de instalar o serviço, correspondeu a muitos pedidos que vinham a ser formulados por munícipes.

A AUTORIZAÇÃO DE CREMAÇÃO

A autorização de cremação é concedida de acordo com a lei e a sua obtenção deve ser encarada pelo requerente tal como se tratasse de um enterramento tradicional.

Assim, embora o processo de autorização possa ser tratado directamente pelos interessados junto das autoridades, o caminho mais simples é o de informar o armador da opção de cremação e este encarregar-se-á das diligências necessárias.

Só em casos muito especiais as autoridades podem recusar a autorização de cremação, particularmente se houver suspeita de crime ou morte violenta, cujos indícios desapareceriam com a redução a cinzas.

A cremação de restos mortais de cidadãos falecidos portadores de "pacemaker" (aparelho regulador do funcionamento do coração), só pode fazer-se após a sua retirada do interior do organismo.

O CREMATÓRIO DO PORTO

O CREMATÓRIO do Porto situa-se na zona sul do Cemitério do Prado do Repouso, junto à escarpa para o Rio Douro. Ocupa uma área de 980 m², donde se disfruta excelente vista para Gaia, para o Douro e para a Ponte de S. João.

O edifício e jardins anexos foram projectados pelo Sr. Arqt.^o Manuel da Silva Lessa, com grande sobriedade, harmonia e beleza. O revestimento

do edifício é de tijolo, com amplo painel de vidro em toda a face da Sala de Despedidas, do lado do Roseiral.

No jardim, uma bela escultura moderna do Pintor Armando Alves, evoca, numa forma jacente, a morte e o retorno à terra.

Nos jardins do CREMATÓRIO destaca-se o Roseiral, local onde são inumadas as cinzas, junto a cada roseira.

O forno do CREMATÓRIO, de fabrico inglês, é moderno e corresponde em absoluto a todas as exigências legais de Portugal e da União Europeia.

O alvará para cremação foi concebido ao Cemitério do Prado do Repouso em 15 de Dezembro de 1995, pelos Ministérios da Administração Interna e Saúde, após parecer favorável do Ministério do Ambiente.

A Câmara Municipal do Porto investiu no CREMATÓRIO (edifício, equipamentos e anexos) cerca de 120 000 contos.

A CREMAÇÃO

Após o velório e eventual cerimónia religiosa, o funeral dirige-se para o Cemitério do Prado do Repouso, sendo a urna conduzida para o CREMATÓRIO.

As urnas utilizadas na cremação devem ser desprovidas de peças metálicas e não serem revestidas com vernizes.

O CREMATÓRIO dispõe de uma Sala de Despedidas, donde a urna passa, através de porta separadora especial, para o forno, que se situa em zona exclusivamente reservada ao pessoal municipal.

O forno, de concepção muito robusta, funciona com elevadíssimo grau de segurança e automatismo. Dispõe de 3 câmaras de combustão, trabalha a gás propano e a alimentação de ar é por ventilação forçada.

O processo de cremação inicia-se à temperatura de 400°C e finaliza-se a 1200°C. Os gases da combustão, antes de serem expelidos pela chaminé, são submetidos a temperatura superior a 1200°C, sendo permanentemente controladas e medidas as suas características.

O forno pode trabalhar a uma cadência de uma cremação cada 75 minutos.

Após a cremação, as cinzas são reduzidas a pó por centrifugação e introduzidas numa pequena urna própria.

As cinzas resultantes da cremação apresentam uma cor clara, têm peso aproximado de 2 Kg e volume de cerca de 2 litros.

A urna com as cinzas é então levada à Sala de Despedidas e daí conduzida para o Roseiral ou para o Cendrário. Poderá igualmente ser depositada em ossário, ou sepultura perpétua ou jazigo particular.

O Roseiral é um jardim anexo ao CREMATÓRIO onde as cinzas são depositadas na terra, directamente ou dentro de urna biodegradável, sendo a sua localização apenas referenciada pela roseira mais próxima.

O Cendrário é um conjunto de compartimentos, semelhantes aos dos ossários, para depósito das urnas.

As urnas com cinzas podem também ser trasladadas para qualquer outro cemitério.

O CUSTO DA CREMAÇÃO

As taxas fixadas para os serviços municipais ligados à cremação são muito baixas.

Por exemplo, para cremação com depósito de cinzas no Roseiral, a taxa é de 50% da de inumação em sepulturas temporárias.

As taxas de inumação fixadas pelo município incluem o fornecimento da urna para as cinzas. Todavia, poderá ser utilizada outro tipo de urna, desde que obedeça aos mesmos padrões e seja entregue previamente nos serviços pelo armador.

A cremação para pobres, tal como as inumações tradicionais, é gratuita.

A Secretaria do Cemitério dará informações detalhadas a todos os interessados acerca das taxas em vigor para todos os serviços.

A cremação, para os HINDUS, é um exercício do maior simbolismo religioso e moral.

Na Índia, uma pequena porção das cinzas é cuidadosamente recolhida posteriormente à cremação, e entregue aos familiares mais próximos que, de seguida, asseguram o seu lançamento no **Rio Sagrado Ganges** ou, em alternativa, são lançadas ao mar. Este acto liga-se, igualmente, aos princípios religiosos que são prosseguidos pela maioria dos elementos da nossa comunidade e enquadra-se nas cerimónias fúnebres.

A recordação dos mortos, para os Hindus, assenta nos valores morais que foram deixados e são preservados na memória de cada um. Tê-los presentes, tal como foram em vida, no íntimo de cada um, constitui, no nosso conceito, a maior prova de amor, o que não se enquadra, segundo os nossos princípios, na sepultura do corpo e na sua natural degradação.

A cremação, em nossa opinião e para além dos aspectos de ordem moral e religiosa, oferece, em relação à sepultura, vantagens múltiplas de onde se destacam os aspectos de ordem higiénica.

Laximidas Gocaldas
Presidente da Associação
Cultural Hindu-Porto

Reconhecemo-nos como seres marcados pela esperança e sentimos que cada etapa da vida é sempre penúltima. Também a morte. Ela é passagem, é caminho, porque a vida não acaba, apenas se transforma.

A morte faz parte da vida do homem. É uma página do livro da vida, porventura dolorosa e trágica, mas que também poderá ser entendida e aceite como caminho para a plenitude da vida.

A transformação da vida com a morte é para os cristãos apoiada na fé e na ressurreição.

Nas cinzas apenas se extingue a figura material do ser, mas não se apaga a dimensão eterna da pessoa humana. Por isso, a cremação, como tal, em nada é contrária à fé cristã na ressurreição.

A Igreja aceita a cremação do corpo humano desde que não seja motivada por razões contrárias à doutrina cristã. É, aliás, uma prática que começa a difundir-se.

+ Júlio, Arc. Bispo de Port